

Passados possíveis: memória e autossíntese em *Capitu e o Capítulo*¹

Renato Beaklini²

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

Suspendendo a enviesada querela “*traiu ou não traiu*”, enfatizamos a montagem do filme *Capitu e o Capítulo* (Julio Bressane, 2021) no que ela *re-produz* e distorce a rememoração do protagonista de *Dom Casmurro*, Bentinho. Destacando as interrupções que os montadores Rodrigo Lima e Rosa Dias inscrevem na diegese do filme, salientamos de que modo Bentinho reconstrói o seu passado de modo suspeito. Intentamos perscrutar a forma especialmente *plástica* com que a edição do longa-metragem trabalha a reminiscência de Bentinho, por meio da intrusão de planos de outras ficções bressanianas, a fim de engendrar refluxos de passados múltiplos, passados *possíveis*. Nesse imbricamento de temporalidades, procuramos constatar a vivacidade temática e a riqueza estrutural dessa obra centenária machadiana.

Palavras-chave: *Dom Casmurro*; *Capitu e o Capítulo*; montagem; memória.

Dom Casmurro termina em um dos episódios mais famosos da literatura brasileira: a suspeita de adultério que Bentinho faz recair sobre Capitu. Santiago salienta: “dois partidos tomaram bandeira e começaram a se digladiar [...]: se condenava ou se absolvía Capitu” (2000, p. 29). A discussão corresponde, segundo o teórico da literatura, a uma análise inocente. Superada pela fortuna crítica do romance, no entanto, essa querela enviesada continua viva no senso comum, o caráter de Capitu permanece em jogo na sociedade patriarcal. O controle discursivo da vacilante consciência de Bentinho, ácida crítica presente no romance, ecoa mais de um século após sua publicação.

Mesmo nos desviando do *traiu ou não traiu*, dele podemos partir para a elaboração de uma posição mais complexa a respeito de *Dom Casmurro*. Erll afirma que “a pessoa individual sempre se lembra no escopo de contextos socioculturais” (2011, p. 9). Anteriormente, Halbwachs defendera que “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos” (1990, p. 26). Afinado com tais perspectivas, Bressane elabora criticamente o texto machadiano, acenando à memória coletiva brasileira. Em *Capitu e o*

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação e Cultura, bolsista CAPES – UFRJ. E-mail: renatobeaklini@gmail.com.

Capítulo (2021), o diretor prioriza a narração de Bentinho a partir da *câibra mental* – que é como o realizador (2021) se refere ao ciúme – que a move e nela se expressa.

Bressane interrompe sistematicamente, em sua *distorção* de *Dom Casmurro*, a narração de Bentinho, por meio da intrusão de planos de sua produção pregressa. Brenez e Chodorov denominam esse expediente, “através do qual um cineasta recapitula o conjunto de sua obra reutilizando fragmentos de seus filmes” (2014, p.2), de *autossíntese*. Memória de Bentinho, memória de Bressane, memória coletiva. A reconstrução mnemônica do narrador machadiano é recriada, no filme, a partir de descontinuidades e bifurcações, tal como ocorre com a memória.

Acerca de adaptações bressanianas, Xavier ressalta que elas se dão a partir de “homologias no plano do método construtivo” (2006, p. 17). *Capitu e o Capítulo re-produz*, portanto, o processo mnemônico de Bentinho. Não se trata da diegese do romance, propriamente, mas da exposição da *câibra mental* de Bentinho em suas maquinações discursivas, por meio de digressões e autossínteses. Em certa cena, vemos o processo de escrita de *Dom Casmurro*; em outra, em corte seco, irrompe um mar em movimento reverso: a ressaca dos olhos de Capitu que não cessa de tragar o narrador.

Capitu e o Capítulo não se estrutura pela lógica da fidelidade em relação a *Dom Casmurro*, mas por dinâmicas de reciclagem e plasticidade, em refluxos do passado que dinamitam a linearidade da reminiscência. Impelido pela suspeita sobre a traição da mulher, Bentinho é exposto em sua narração, esta sim *suspeita*. Como apontou Nietzsche, “[esse homem] se espanta que sua memória gire incansavelmente em círculos e esteja fraca e cansada para dar quiçá um único salto para fora deste círculo” (2003, p. 13). Na tentativa de compor passados possíveis e acionando a memória como ente “pacificador”, Bentinho vê-se cercado de fantasmas, que acabam por tornar o seu presente impossível.

Referências

BRENEZ, N.; CHODOROV, P. Cartografia do Found Footage. **LAICA**, São Paulo, n. 5, p. 1-11, 2014.

BRESSANE, J. 10º Olhar de Cinema: Conversa com o filme Capitu e o Capítulo. **Olhar de Cinema**. Curitiba, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/IxyNfgyiuMY>. Acesso em: 19 jun. 2025.

ERLL, A. **Memory in culture**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

NIETZSCHE, F. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

XAVIER, I. Roteiro de Júlio Bressane: apresentação de uma poética. **ALCEU**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 5-26, 2006.